



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

RAIMUNDA PEREIRA FARIAS ARAUJO

**O DESENHO DAS CRIANÇAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

RAIMUNDA PEREIRA FARIAS ARAUJO

O DESENHO DAS CRIANÇAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus de Miracema do Tocantins, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Licenciado e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A663d Araujo, Raimunda Pereira Farias .
O desenho das crianças: Considerações sobre a arte na educação infantil .
/ Raimunda Pereira Farias Araujo. – Miracema, TO, 2019.
41 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2019.

Orientadora : Viviane Drumond

1. Arte. 2. Desenho infantil. 3. Linguagens. 4. Crianças pequenas. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RAIMUNDA PEREIRA FARIAS ARAUJO

O DESENHO DAS CRIANÇAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
de Miracema do Tocantins, Curso de
Pedagogia, para obtenção do título de
Licenciado e aprovado em sua forma final pela
Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 15/08/2019.

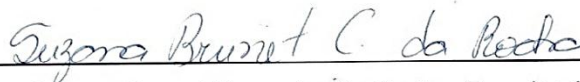
Banca Examinadora:



Prof. Dr.^a Viviane Drumond, Orientadora, UFT



Prof.^a Dr.^a Rosemeri Birck, Examinadora, UFT



Prof.^a Msc. Suzana Brunet Camacho da Rocha, Examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer ao grande Deus o todo poderoso criador dos céus e da terra que me deu essa oportunidade de fazer o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Não posso deixar de agradecer com carinho aos meus filhos: Danillo Pereira Marques Araújo e Maria Eduarda Pereira Marques Araújo pela compreensão, força, me ajudando nas dificuldades até mesmo nos momentos em que estive ausente estudando em sala de aula durante seis anos de curso, mas sempre estiveram ao meu lado.

Também aos meus familiares, meus pais em especial: Vitor Farias Ribeiro e Laides Pereira Ribeiro e aos meus Irmãos: Iolete, Ildete, Idorlete, Irailtom, José e Silmara, pelo apoio que me deram e acreditaram em mim, passando por momentos difíceis durante esse curso.

Agradeço aos Pastores: Antônio Erineudo Leitão e a Pastora Edinéis Rodrigues Oliveira Leitão, pelo apoio, ajudaram com orações e a todos os Irmãos da Igreja que me ajudaram, deram força com Orações.

Quero agradecer aos sobrinhos, primos, tios e avó e a todos os amigos e amigas que me apoiaram, dando força, incentivo para me formar até chegar ao objetivo concreto mesmo com muitas dificuldades.

Agradeço a oportunidade de participar do projeto de extensão: “Vivências e experiências lúdico pedagógicas na UFT”, coordenada pela professora Dr^a Viviane Drumond. Esta experiência permitiu realizar a coleta dados e materiais indispensáveis na construção deste trabalho monográfico.

Meus agradecimentos as Professoras da Banca Examinadora Prof.^a Dr.^a Rosemeri Birck e Prof.^a Msc. Suzana Brunet.

Por todos os meus colegas do curso em considerações à Antônia Martins, Helaine, Antônia Castanheira, Antônia Lima, Katia, Gizaine, Cleidivania, Elizangela Gloria, Silvaneide, Elizangela Aquino, Marta, Luciana, Osmarilia, Simone, Bruna, Carla, Francisléia, Wisliana, Danilo, Dácio e Rosângela.

A todos da direção do Campus, Miracema UFT, professores e funcionários pela colaboração no curso, em especial a Professora e minha orientadora Viviane Drumond. Meu muito obrigada a todos.

RESUMO

Este estudo tomou como objeto de investigação a arte na educação das crianças pequenas, com ênfase nos desenhos infantis. Teve como principal objetivo compreender a relação das crianças com a arte e a importância do desenho na Educação Infantil. As crianças são comunicativas e expressivas e o desenho é uma linguagem natural e espontânea na infância. Com uma abordagem qualitativa foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo. O referencial teórico foi construído com base em autores que investigam sobre a arte e os desenhos infantis. Além disso, foram realizadas oficinas de produção de desenhos com crianças no Centro de Convivência Infantil, UFT/Campus Miracema. Foram selecionados e analisados desenhos de crianças de três a seis anos de idade. As produções revelam a criatividade, imaginação e vivências cotidianas das crianças. As conclusões sinalizam para a importância da cultura artística na educação da pequena infância, os desenhos são uma forma de linguagem, uma criação das crianças. Faz-se necessário maior valorização da arte pelos professores nas instituições educativas.

Palavras-Chave: Arte. Desenho infantil. Linguagens. Crianças pequenas.

ABSTRACT

This study focused on art research in the education of small children, with emphasis on children's drawings. Its main objective was to discuss the relationship of children with art and the importance of drawing in early childhood education. Children are communicative and expressive and drawing is a natural and spontaneous language in childhood. With a qualitative approach was carried out bibliographic and field research. The theoretical framework was built based on authors who investigate about art the children's drawings. In addition, drawing workshops were held with children at the Children's Coexistence Center, UFT/ Campus Miracema. We selected and analyzed drawings of children from three to six years old. The productions reveal the creativity, imagination and daily experiences of children. The conclusions point to the importance of artistic culture in early childhood education, drawings are a form of language, a creation of children. Higher appreciation of art by teachers in educational institutions is needed.

Keywords: Art. Children's drawing. Languages. Small children.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Desenho Maria (3 anos)	26
Figura 2 – Desenho Junior (4 anos).....	27
Figura 3 – Desenho Valentina (5 anos)	27
Figura 4 – Desenho Roberto (6 anos).....	28
Figura 5 – Desenho Vinícius (5 anos)	29
Figura 6 – Desenho Marcelo (4 anos).	30
Figura 7 – Desenho Marcelo (4 anos)	31
Figura 8 – Desenho Junior (4 anos).....	32
Figura 9 – Desenho Caíque (4 anos)	33
Figura 10 – Desenho Marcelo (4 anos)	34
Figura 11 – Desenho Andressa (4 anos).....	35
Figura 12 – Desenho Fernanda (6 anos).....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A ARTE NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS	11
2.1 A arte na Educação Infantil.....	12
2.2 A Arte e a Formação de Professores.....	14
3 O DESENHO DAS CRIANÇAS E A PRÁTICA DOS PROFESSORES	18
3.1 A criança e o desenho	18
3.1.1 As fases de desenvolvimento do desenho.....	19
3.2 O desenho da criança na escola.....	20
3.2.1 O professor e o desenho da criança	22
4 O DESENHO DAS CRIANÇAS: ANÁLISES E CONSIDERAÇÕES	25
4.1 O desenho das crianças de diferentes idades	26
4.2 Os temas abordados nos desenhos infantis	29
4.3 Desenhos elaborados a partir de histórias.....	32
4.4 Desenho e escrita de crianças em idade pré-escolar	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho elegeu como temática de estudo a arte na Educação Infantil, com ênfase nos desenhos das crianças em idade de creche e pré-escola. A arte é uma forma de linguagem, de expressão, representação e comunicação. As crianças, de modo geral, são comunicativas, expressivas e gostam de desenhar. O desenho é uma linguagem natural e espontânea na infância.

Os estudos sobre os desenhos infantis questionam o que acontece com as crianças quando crescem, pois, a maioria diz não saber desenhar. Então, é possível considerar inerente ao desenvolvimento a atrofia de uma linguagem tão natural na primeira infância como os desenhos?

A partir desta inquietação, a pesquisa tomou como principal objetivo compreender a relação das crianças com a arte e a importância do desenho na Educação Infantil. Assim, elegeu os desenhos infantis como foco de investigação, com o intuito de analisar as produções e criações das crianças.

O estudo teve uma abordagem qualitativa e envolveu a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. O referencial teórico foi construído com base em autores que investigaram os desenhos infantis, como: Albano (2007, 2008, 1991), Holm (2004), Faria e Richter (2009), Gobbi (1999), Staccioli (2014), Vygotsky (2018), entre outros.

A pesquisa de campo foi desenvolvida no Centro de Convivência Infantil (CCI), vinculado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, Campus Miracema. Teve duração de dois meses e envolveu crianças de três anos a seis anos de idade, com atividades lúdicas e artísticas, relacionadas ao projeto de extensão: “Vivências e experiências lúdico-pedagógicas na UFT”, coordenado pela professora Viviane Drumond.

O trabalho realizado com o projeto de extensão permitiu coletar um pequeno acervo de desenhos das crianças. Este material foi selecionado e analisado neste estudo. As discussões apresentadas compreendem um total de doze desenhos elaborados por crianças de 3 a 6 anos de idade. As produções revelam a criatividade, imaginação, perspectivas e vivências do cotidiano das crianças.

O texto compreende três seções: a primeira apresenta uma discussão sobre a relação entre a criança e a arte, traz elementos para ressaltar a importância da arte na educação da criança pequena, uma vez que as crianças são naturalmente comunicativas e expressivas.

A segunda seção é dedicada, especialmente, a discutir os estudos que buscaram analisar e compreender os sentidos dos desenhos infantis. Ressalta, ainda, até que ponto as produções e criações das crianças são acolhidas ou rejeitadas nas escolas.

A terceira e última seção apresenta e discute os desenhos produzidos pelas crianças, sujeitos da pesquisa. Após a análise os desenhos foram organizados em quatro categorias: o desenho das crianças de diferentes idades, os temas abordados nos desenhos infantis, desenhos elaborados a partir de histórias e desenho e escrita de crianças em idade pré-escolas.

As conclusões sinalizam para a importância da cultura artística na educação da pequena infância, os desenhos infantis são uma forma de linguagem, uma criação e comunicação das crianças. Assim, faz-se necessária maior valorização da arte por parte de professores (as) e instituições educativas.

2 A ARTE NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS

Ao contrário, as cem existem

Loris Malaguzzi¹

*A criança é feita de cem.
 A criança tem cem mãos, cem pensamentos,
 cem modos de pensar, de jogar e de falar.
 Cem sempre, cem modos de escutar,
 de maravilhar e de amar.
 Cem alegrias para cantar e compreender.
 Cem mundos para descobrir.
 Cem mundos para inventar
 Cem mundos para sonhar.
 A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem)
 mas roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.
 Dizem-lhe: de pensar sem mãos, de fazer sem a cabeça
 de escutar e de não falar,
 de compreender em alegrias de amar e de maravilhar-se
 só na Páscoa e no Natal.
 Dizem-lhe: de descobrir um mundo que já existe
 e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho
 a realidade e a fantasia a ciência e a imaginação
 o céu e a terra a razão e o sonho
 são coisas que não estão juntas.
 Dizem-lhe enfim: que as cem não existem.
 A criança diz: ao contrário, as cem existem.*

O poema “As cem linguagens da criança”, do educador italiano Loris Malaguzzi provoca reflexões sobre as crianças e suas múltiplas formas de expressão e comunicação, ou seja, as “cem linguagens da criança”. A criança é comunicativa e se expressa através de palavras, gestos, desenhos, sons, movimentos, enfim, ela encontra variadas formas de perceber e falar sobre o mundo a sua volta.

A arte oferece ferramentas para compreendermos as crianças e suas linguagens. Nesta perspectiva este capítulo apresenta uma discussão sobre a importância da arte na Educação Infantil e na formação de professores (as). Destaca as capacidades artísticas das crianças e ressalta a importância de os (as) professores (as) desenvolverem uma sensibilidade para o trabalho educativo com as crianças pequenas, de modo a considerar as múltiplas linguagens infantis.

¹ Em: Carolyn Edwards, Lella Gandini, George Forman (1999). *As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas.

2.1 A arte na Educação Infantil

Os rabiscos e desenhos representam uma primeira forma de escrita da criança, porque toda criança desenha. As crianças gostam de desenhar, são criativas, mas com o tempo acabam perdendo essa capacidade inerente a elas. Então, podemos perguntar por que essa capacidade natural e espontânea da criança se perde quando elas entram na escola e aprendem a ler e escrever?

Albano (2007) nos diz que é importante o reconhecimento da arte como linguagem, uma forma de representação e expressão que opera através das cores, formas, linhas e volumes para criar imagens. Uma forma de comunicação que serve para dizer o que as palavras não dizem.

As linhas, cores e texturas constituem um alfabeto, um dos primeiros que criança utiliza para se comunicar, podemos mesmo dizer que é sua primeira escrita, porque toda criança desenha, encontrando um instrumento que deixe uma marca a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, criando jogos, contando histórias, no entanto, quando crescem, a maioria das crianças diz não saber desenhar, faz-se necessário, então refletir se é possível considerar inerente ao desenvolvimento a atrofia de uma linguagem que é tão natural na primeira infância. (ALBANO, 2007, p.2).

As crianças na Educação Infantil (de 0 a 5 anos de idade) passam a desenvolver os aspectos da linguagem, como também o aprimoramento do processo criativo, ao ampliar suas criações e construir olhares próprios para a idade a partir delas mesma. No entanto, nota-se que os docentes que trabalham na Educação Infantil dão pouca importância, ou seja, não dão atenção a esse lado artístico da criança. Albano (2007) diz que:

[...] Como dão pouca atenção à sua própria educação estética, os educadores simplesmente aceitam que o desenho seja algo que se perde ou entendem que é reservado àqueles que possuem um dom. Acreditam, também, que a arte é sempre uma atividade cara, um luxo mais do que uma necessidade. (ALBANO, 2007, p. 2).

Segundo Holm (2004, p. 83) “[...] se dermos as crianças a mesma liberdade para o processo artístico que lhes damos para suas brincadeiras, as crianças chegarão a excelência no aprimoramento do processo criativo.” Para Holm (2004) trabalhar dessa forma, é como se testasse as coisas, ou fazer experiências com as crianças pois, aperfeiçoa o trabalho e desenvolve o talento artístico das crianças. Ainda, segundo a autora citada, as crianças são curiosas, e ao mesmo tempo, são criativas em suas produções artísticas.

Nesse sentido, é importante que os (as) professores (as) de Educação Infantil procurem desenvolver o senso artístico, a compreensão do sentido da arte, deixando as crianças livres

para aprender a desenhar e pintar, pois nota-se que muitos dos docentes de Educação Infantil, não desenvolvem essa prática nos espaços educativos.

Para Holm (2004),

Muito frequentemente, escolhemos técnicas de desenho/pintura/modelagem para elas. Mas, pela minha vivência, quando as crianças têm oportunidade de escolher materiais diferentes, elas o fazem. Elas encontram o que é mais adequado para elas. Fazem, produzem imagens, pintando e montando instalações a partir de materiais que os adultos nem sonhariam em juntar. De repente, fantásticos espaços e trabalhos vão surgindo. As crianças têm um gosto abrangente e magnífico (HOLM, 2004, p. 86).

Com essa afirmativa da autora pode-se observar que quando as crianças têm a liberdade de escolher o que querem desenhar e pintar, elas constroem seu próprio crescimento intelectual, como também, incorporam a livre expressão de desenvolver e expressar suas ideias através do desenho artístico. As experiências das crianças seriam muito melhores se os professores, ao invés de gastarem tanta energia vigiando-as procurassem, eles mesmos testar as cores e usufruir o prazer advindo da experiência (HOLM, 2004).

Albano (2007, p. 2) nos alerta que o professor precisa ter “atenção ao nível de desenvolvimento intelectual e emocional de cada criança, para que se tenha uma noção clara do tipo de atividade propor em cada estágio”. Os educadores devem evitar cair na armadilha de julgar os desenhos e pinturas das crianças. Na maioria das vezes eles percebem que ao longo de sua formação, tiveram pouca oportunidade de expressar suas ideias com a linguagem visual. Precisam, portanto, de muitas experiências com diferentes materiais, a fim de conquistar um domínio maior e sobre os instrumentos de criação.

Elas têm um talento natural para construir - juntar - da substância e inventar história. Observar - equilíbrio e desequilíbrio - experimentar as possibilidades dos materiais. Criar ambientes - ambientes próprios - jamais vistos anteriormente. Descobrir. O processo de construção e o mais comum para elas, isto é, se elas tiverem a oportunidade. (HOLM, 2004, p. 87).

Holm (2004) diz que na sua infância estava sempre construindo alguma coisa com as outras crianças: uma cabana no riacho, as brincadeiras no grande quintal de areia, criávamos um mundo com as estradas, alojamentos, plantações, todo em miniatura. Hoje, há lugares enormes em região industriais, mas neles as crianças não são admitidas. Não há mais espaços que ofereçam as crianças oportunidades de explorar seus sentidos.

Sobre o trabalho nas oficinas de arte com as crianças, Holm (2004) nos fala sobre a liberdade e poder criativo das crianças. Ela diz que “a brincadeira é livre na sua essência - o

processo de criação artística é livre em sua essência. Se um processo artístico é controlado, já não é mais um processo artístico, correto?” (HOLM, 2004, p. 93).

O que observo na oficina de arte é o oposto, por que eu não fico decidindo por elas como cada uma vai sentar de cócoras ou em outra posição de trabalho dinâmica. Frequentemente fico maravilhada com a quantidade de posições criativas - deitadas, em pé em movimento - que ficam enquanto trabalham. (HOLM 2004, p. 93).

Holm (2004, p. 94) ressalta, ainda, que como seres humanos, somos capazes de perceber pelos sentidos, brincar, pular, dançar, nos expressar, usar todos os sentimentos. Ninguém poder tirar isso de nós. A autora afirma: “Eu acredito muito na expressão artística própria de cada criança”.

Para Albano (2007),

Muito além do domínio dos materiais, as crianças necessitam de vivências significativas, que serão o conteúdo de suas expressões. Não apenas de um grande aspecto de experiências, como de uma sequência coerente de atividades, de forma a possibilitar o aprofundamento da sua compreensão sobre o conteúdo a ser apreendido. (ALBANO, 2007, p. 02).

Neste sentido, a arte se apresenta como conhecimento indispensável nos cursos de formação de professores. Os futuros professores precisam ter experiências artísticas com diferentes materiais, exercitar seu poder de criação e invenção, experimentar coisas novas, ir até onde a imaginação permitir. Somente assim, poderão compreender as crianças e suas invenções.

2.2 A Arte e a Formação de Professores (as)

A Carta dos Direitos das Crianças a Arte e a Cultura² afirma que as crianças têm o direito de aproximar-se da arte em todas as suas vertentes: teatro, música, dança, literatura, poesia, cinema, artes visuais e multimídia. As crianças pequenas, na idade da creche e pré-escola, muitas vezes têm esse direito violado nas instituições de Educação Infantil. Os educadores não reconhecem a arte como um direito da criança, pois nem mesmo os cursos de formação de professores (as) valorizam a importância da arte para o trabalho pedagógico com as crianças pequenas.

A Carta dos Direitos das Crianças a Arte e a Cultura, escrita em vinte e sete idiomas, inclusive em português, diz que as crianças têm o direito:

²Carta dei diritti dei bambini all'arte e ala cultura. La Barraca, Testoni Ragazzi. Bologna: Edizioni Pendragon, 2011.

- 1 de se aproximar da arte em todas as suas vertentes: teatro, música, dança, literatura, poesia, cinema, artes visuais e multimídia
- 2 de experimentar as linguagens artísticas, pois elas são saberes fundamentais
- 3 de fazer parte dos processos artísticos que nutrem a inteligência emotiva de cada uma, e que ajuda a desenvolver a sensibilidade e a competência artística de uma forma harmônica
- 4 de desenvolver, através da relação com as artes, a inteligência corporal, semântica e icônica
- 5 de desfrutar dos produtos artísticos de qualidade, criados para todas as crianças, mesmo no que diz respeito a diferentes faixas etárias
- 6 de ter uma relação com a arte e com a cultura sem serem tratados como consumistas, mas como sujeitos competentes e, além de tudo, sensíveis
- 7 de frequentar às instituições artísticas e culturais disponíveis na cidade, seja com a família ou com a escola, para descobrir e viver tudo o que o território oferece
- 8 de participar dos eventos artísticos e culturais com frequência, e não apenas ocasionalmente, durante a vida escolar e a vida nas creches e pré-escolas
- 9 de conviver com a família o prazer de uma experiência artística
- 10 de ter um sistema integrado entre a escola e as instituições artísticas e culturais, pois só uma interação contínua pode oferecer uma cultura viva
- 11 de frequentar e visitar museus, teatros, bibliotecas, cinemas e outros lugares de cultura e espetáculo, juntos com as colegas da escola
- 12 de viver experiências artísticas acompanhadas dos professores, enquanto mediadores necessários para sustentar e valorizar as percepções de todos
- 13 a uma cultura laica, no que diz respeito das diferenças de identidade
- 14 à integração, se imigrantes, através do conhecimento e do convívio do patrimônio artístico e cultural da comunidade na qual vivem
- 15 a projetos artísticos e culturais, levando em consideração as diferentes habilidades
- 16 a lugares idealizados e estruturados para serem acolhidos em diversas idades
- 17 de atender à uma escola que seja o verdadeiro caminho de acesso para uma cultura ampla e pública
- 18 de participar às propostas artísticas e culturais da cidade, independentemente das condições sociais e econômicas a que pertence, porque todas as Crianças têm direito à arte e à cultura. (CARTA DEI DIRITI DEI BAMBINI ALL'ARTE E ALLA CULTURA, 2011, p. 73).

Albano (2008) destaca, a partir de suas experiências com os cursos de formação de professores (as), os aspectos que se apresentam mais relevantes para ampliar o entendimento a respeito da importância da arte na educação de crianças pequenas. Considera que os educadores como dão pouca atenção a sua própria educação estética, simplesmente aceitam que o desenho seja algo que se perde com o tempo ou entende que é algo reservado aqueles que possuem dom.

Nos cursos de formação oferecidos os (as) educadores (as) Albano (2008) considera que os profissionais percebem que ao longo de sua formação, tiveram poucas oportunidades de expressar suas ideias com a linguagem visual. Precisam, portanto, de muitas experiências com diferentes materiais, afim de conquistar um domínio sempre crescente sobre os instrumentos de criação. A habilidade de desenhar não se trata de mera transmissão de informações, tampouco é tarefa que depende de um dom, mas que requer conhecimentos, planejamento adequado e constância. Albano (2007, p. 2) considera que “a educação artística deve ser, antes de tudo a educação desta espontaneidade estética e dessa criação das quais a criança pequena já manifesta a presença”.

A criança tem direito a desenvolver a curiosidade, a imaginação e a capacidade de expressão. A este respeito as autoras Gobbi e Pinazza (2014) levanta os seguintes questionamentos.

Nossas crianças têm oportunidade de ouvir música e de assistir a teatro de fantoches; nossas crianças são incentivadas a se expressar através de desenhos, pinturas, colagens e modelagem em argila; nossas crianças têm direito de ouvir e contar história; nossas crianças tem direito de cantar e dançar, nossas crianças tem livre acesso a livros de história mesmo quando ainda não sabem ler. (GOBBI; PINAZZA, 2014, p. 12-13).

Gobbi e Pinazza (2014) consideram a arte como fundamento da Pedagogia da Infância e, por conseguinte, numa concepção particular de formação de docentes envolvidos com a primeira infância.

A arte que traduz nas diversas manifestações: nas narrativas, mas historias, nos desenhos, nas dramatizações??, nas pinturas, nos movimentos, enfim, em todas as expressões possíveis do apreendidas pelo adulto atento e pela própria criança, num esforço documental, podem servir de suporte a experiência cada vez mais elaborada, enriquecidas, porque ganharam significado (GOBBI; PINAZZA, 2014, p. 14 e15).

Segundo Albano (2008) muito além do domínio dos materiais, as crianças necessitam de vivências significativas, que serão o conteúdo de suas expressões. Não apenas de um grande aspecto de experiências, como de uma sequência coerente de atividades de forma a possibilitar a aproximação da sua compreensão sobre o conteúdo a ser apreendido. A riqueza da imagem expressa em desenhos e pinturas depende da quantidade das experiências que as crianças tiveram acesso, bem como da atmosfera de confiança e de partilha proporcionada pelo professor (a) durante as atividades.

As autoras Gobbi e Pinazza (2014) discutem a partir de autores clássicos a relação entre as áreas da pedagogia, ciência e arte, e a relação possível entre elas na formação das crianças desde pequenas, como direito e expressão de modos de ver e estar no mundo, bem como de profissionais que atuam diretamente com a infância em todos as faixas etárias. As autoras destacam percepção sobre como meninas e meninos, desde que nascem, manifestam e dialogam com as realizações dos adultos em diferentes campos, como literatura, artes plásticas, danças, desenhos, e tantas outras.

Com relação a formação de professores (as) de Educação Infantil, Faria e Richter (2009, p. 104) fazem uma crítica a pedagogia escolarizante fundada apenas nas ciências das regularidades, voltada ao ensino analítico, centrada na docente e na transmissão de conhecimento, muitas vezes impostas nas pré-escolas e as vezes até nas creches, como única

forma de garantir o direito a educação. “O que o encontro entre arte e infância tem mostrado são as lacunas na formação do pedagogo (a) que convive e trabalha com crianças pequenas, principalmente com as pequenininhas, para educá-los muito além do cognitivismo reinante”.

Faria e Richter (2009), afirmam ainda, ver a pedagogia enquanto política. Na Pedagogia da Educação Infantil italiana, o atelier de arte nas pré-escolas atualiza a cultura italiana da imagem gerando, não um espaço separado onde é cômodo pintar, desenhar, fazer esculturas, construir engenhocas, etc. e onde se pode sujar e bagunçar, mas gerou o trabalho conjunto da atelierista, da professora e das crianças.

Para concluir ressaltar as ideias de Holm (2004):

Nós temos que estar a frente: fazer tudo - acreditar em nossa própria força, preparar o solo e pintar. Abrir espaço para algo natural. As crianças são saudáveis. Mas temos que aprender a ouvi-las um pouco mais. Eu acredito que as crianças intuitivamente percebem a grande vantagem de trabalhar com arte, isto é: que aqui se está num campo onde se decide pessoalmente qual será o próximo passo. (HOLM, 2004, p. 95).

Portanto, valorizar a arte na Educação Infantil, bem como nos cursos de formação de professores (as) implica em construir novos paradigmas de educação da criança pequena. Significa que temos que oferecer experiências artísticas e culturais às crianças e valorizar as suas múltiplas linguagens e não apenas a leitura e escrita, afinal a criança tem “cem linguagens” e gosta de deixar marcas, expressar suas ideias através de garatujas e desenhos.

3 O DESENHO DAS CRIANÇAS E A PRÁTICA DOS PROFESSORES

Os desenhos das crianças representam o que elas conhecem, imaginam, seus sentimentos, emoções, tristezas, alegrias e assim expressam suas ideias e pensamentos. As crianças desenharam para transmitir alguma coisa para os adultos ou para elas mesmas? E, os professores devem incentivar as crianças a desenhar e expressar seu ponto de vista?

Esta seção apresenta uma discussão sobre a importância e o uso do desenho pelas crianças e, também, busca analisar o espaço destinado ao desenho na escola e compreender sua função na formação das crianças. O texto foi construído a partir das referências teóricas dos seguintes autores: Staccioli (2014), Derdyk (2014), Albano (1991), Gobbi (1999) e outros.

3.1 A criança e o desenho

Os pesquisadores Vigotski (2018), Staccioli (2014), Albano (1991) entre outros, buscaram interpretar o desenho infantil, ou seja, tomaram o desenho das crianças como alvo de preocupação, foco de investigação em suas pesquisas.

Para compreendermos os desenhos das crianças devemos levar em conta aquilo que ela desenha, o que a criança quer nos dizer. O desenho de uma criança, “contar-nos uma história [...] mas devemos também reconhecer nesta intensão os múltiplos caminhos de que ela serve para exprimir aos outros a marcha dos seus desejos, de seus conflitos e receios.” (ALBANO, 1991, p. 20).

De acordo com Albano (1991) o desenho é para a criança uma forma de desenvolvimento de sua própria linguagem, como encenação, sinal ou discurso. A criança desenha para comunicar e poder escrever, armazenar, anotar no papel o seu discurso, para registrar algo. O desenho é a primeira escrita da criança. Para expressar suas ideias, atos, vestígios, antes de compreender a escrita a criança utiliza o desenho.

A criança desenha para mostrar como se sente amedrontada, suas descobertas, investigações, suas felicidades e tristezas. A criança pequena desenha pelo gosto de encenar, pelo gosto de produzir uma sinalização. É como um jogo de atividade que a criança faz várias vezes, muitas vezes para confirmar aqueles movimentos. É a conquista do controle da mão, com giz, lápis, pincel e outros instrumentos. É o prazer do gesto deixando sua marca.

Lowenfeld (1977, apud Gobbi, 1999) leva-nos a pensar na possibilidade de um desenho totalmente espontâneo, como resultados das influências do meio em que se vive e daqueles

desenhos que são estimulados através da socialização entre as crianças e principalmente no espaço escolar.

Assim, para vermos cada elemento do desenho infantil é preciso ir além da mera explicação, divulgação e buscar entendimento sobre o que as crianças querem falar, e ter conhecimento do contexto no qual as crianças estão inseridas.

Gobbi (1999) comenta que os estudos que levam em consideração o ato ou o jeito de concordar duas linguagens: desenho e oralidade são ainda um tanto raros. Mas são muito importantes, pois a análise do desenho infantil sem a fala daquele que a produziu pode levar a uma interpretação equivocada por parte do pesquisador.

3.1.1 As fases de desenvolvimento do desenho

Albano (1991) com base nos trabalhos de Piaget compara as evoluções do desenho da criança com as etapas dos jogos, ou seja, a evolução do desenho infantil é semelhante a evolução das crianças na resolução de jogos.

A criança pequena que desenha e ainda não desenvolveu uma coordenação motora realiza traços longitudinais de maneira desordenada. Ela desenha pelo prazer de produzir uma marca um traçado na superfície. Ela repete muitas vezes o mesmo movimento para confirmar o seu domínio.

Para Albano (1991) o registro deste movimento é um rabisco incompreensível para o adulto: é a garatuja. Que inicia longitudinal e desordenada até adquirir certo ritmo.

A criança de 3, 4 anos está no período sensório motor e sua forma de interagir com o mundo é conquistando novas estruturas de movimento. Conforme Albano (1991, p. 28) “a criança poderá até nomear seu desenho se o adulto insistir em saber o que é, contudo para ela e apenas movimento. É a conquista de controle da mão, giz, lápis, pincel (tato, preensão, textura, instrumento)”.

As garatuja vão mudando, adquirido novos movimentos de formas longitudinais vão se arredondando, torna-se circulares, enovelando, espiralando. Logo após, está espiral-novelo inicia a se destacar e aparecem os círculos soltos “as bolinhas”. O desenho de círculos é uma etapa importante para a criança, pois representa algo. Essa representação marca o início da necessidade de representar, de nomear seus desenhos (ALBANO, 1991).

Assim as garatuja iniciais assumem, logo após, um novo aspecto, passa a obter o caráter de jogo simbólico. A criança desenha então para nos contar algo, para dizer de si própria, para fazer de conta, é o começo da representação. “É ainda a garatuja, mas começa a ganhar nomes

e a se diferenciar no espaço do papel” (ALBANO, 1991, p. 32). A criança nomeia seus desenhos, estes nomes variam sempre: “o que era carro, daqui a pouco pode ser um elefante: tudo está a todo momento presente a ideia de contar algo. Agora já podemos considerar o desenho como linguagem” (ALBANO, 1991, p. 34).

Desse modo, o desenho-jogo vai mudando, ganhando novos formatos. Vão surgindo desenhos fechados com formas arredondadas, começam a aparecer os primeiros bonecos, figuras com formas mais definitivas.

Das garatujas iniciais os desenhos das crianças evoluem para uma representação do real. O desenho é uma forma de linguagem e expressão para a criança. Por isso é tão importante que a escola valorize os desenhos das crianças, principalmente quando elas, são pequenas e não adquiriram o domínio da escrita.

Para Derdyk (2014) o desenho, pela sua natureza, é, em si mesmo, um acontecimento vivo, fugaz, fruído, são qualidades que formam a natureza desta linguagem. Por isso imaginar os modos de aquisição dessa linguagem na fase da infância torna-se uma solicitação fundamental para que possamos mostrar uma verdadeira parceria entre o desenho e a criança.

Albano (1991, p. 51) levanta o seguinte questionamento: “se toda criança desenha, a maioria destas crianças quando cresce diz: “eu não sei desenhar” e também não criam mais histórias, endurecem o corpo e não cantam mais”. Todas as crianças desenhavam, mas, quando chegam a vida adulta dizem não saber desenhar, pois o desenho-linguagem se cala.

Assim, “os desenhos aviões - pássaros - estrelas, os desenhos de histórias ficam esquecidas, como esquecidos ficam os velhos brinquedos” (ALBANO, 1991, p. 51). Então, podemos questionar, assim como a autora citada questiona, que a perda do desenho talvez não esteja ligada apenas ao amadurecimento da criança. Seria natural do desenvolvimento a atrofia de uma linguagem tão viva como é o desenho para as crianças?

3.2 O desenho da criança na escola

De acordo com Albano (1991) a criança necessita hoje da escola maternal porque perdeu o seu espaço de brincadeira no quintal de casa, onde brincava livremente e usava à vontade sua imaginação e fantasia para criar. A escola não pode ser um espaço de aprisionamento da criança, ou seja, cabe ressaltar a importância da escola como lugar de ampliação do espaço em que se vive, ambiente de brincadeiras infantis.

A escola hoje preenche, assim, o lugar do quintal e da rua onde as crianças brincavam livremente há tempos atrás. A instituição educativa pode oferecer a vantagem de ter pessoal

preparado para acolher e desafiar as brincadeiras, podendo assim contribuir com o desenvolvimento das crianças de forma significativa.

Portanto, é preciso compreendemos a escola como lugar para o jogo, para o brincar da criança, onde sua fala e seu desenho sejam acolhidos pelos adultos, onde ela possa estabelecer trocas e interações com as outras crianças.

Mas, para Albano (1991) é exatamente a entrada da criança na escola que marca o rompimento do desenho como livre expressão das crianças. A criança para de desenhar quando entra na escola porque ela deixa de brincar. A criança deixa uma aparência, uma maneira de ser e se expressar que é sua, para seguir um padrão imposto pela escola.

Segundo Albano (1991) o que acontece é que a escola começou a receber crianças cada vez menores, e os professores que lá se encontram não estão preparados para proporcionar as crianças um contexto educativo adequado ao seu estágio de desenvolvimento; e a alfabetização se apresenta como saída realizável para ocupar, preencher as crianças e satisfazer os pais.

O que tenho percebido no começo da alfabetização, quando pressionada no tempo e pela mecânica que faz repetir formatos sempre iguais, e que a criança para com o desenho. Acontece verdadeiramente um rompimento, uma quebra e a criança para de desenhar, estacionando nesta fase. Se pedirmos a um adulto que desenhe algo, seu desenho será o desenho de uma criança nesta fase, e no entanto seu pensamento não é mais operacional, concreto, mas formal, se obedecermos a uma terminologia Piagetiana (ALBANO, 1991, p. 70).

Para Derdyk (2014), quando nos referimos ao desenho como “coisa de lápis e papel”, a ação de desenhar acontece de forma breve e facilmente reconhecível, com certeza, por todos aqueles que frequentam a escola.

O que podemos observar é que, na maioria dos casos, as crianças deixam de desenhar quando começam o aprendizado da escrita e, provavelmente, um dos fatores que podem contribuir para essa “substituição” seria exatamente a perda de sentido do papel e lápis como instrumentos de expressão, agora entendidos como instrumentos funcionais (DERDYK, 2014, p. 132).

Quando a criança desenha descreve o mundo a seu modo. Seu signo visual é amplo. A criança na fase do pensamento pré-operacional representa um cavalo azul através de desenho e daqui a poucos instantes pode transformá-lo, mudar para um avião e logo após aquele desenho poderá ser um elefante. Contudo, a palavra cavalo representará sempre e apenas um cavalo (ALBANO, 1991).

Nesta fase a ruptura do desenho pela criança significa um sinal de submissão. A criança perde a confiança no seu desenho porque perdeu a confiança na sua palavra. Assim, “a perda

do desenho pela criança, [...] revela apenas a maneira como a criança é vista pela escola. Desnuda a ideologia que permeia a nossa escola, uma escola colonizadora que forma gente submissa, obediente ao autoritarismo do colonizador” (ALBANO, 1991, 72).

A escola preenche todo tempo com discursos do adulto, que a criança ouve, e necessita desenvolver com visão do adulto, abdicando da sua. E quando o adulto as cala, ele, o adulto se ausenta e não tem quem ampara a palavra da criança. Então a criança percebe, nota que a escola é o lugar de discurso do adulto e que para ela resta a cópia e o silêncio. Na verdade, “a escola não dá atenção a maneira como a criança vê as coisas, antes, imprime na criança a maneira adulta e lógica de ver o mundo” (ALBANO, 1991, p, 73).

A criança traz consigo uma inquietação e necessita de espaço para dar vazão a sua criatividade, com lápis, tinta, madeira, ou o que estiver à sua disposição. A escola precisa então disciplinar e controlar esta inquietação, “que a arte contemporânea, justamente, se propõe a recuperar. [...] Assim, a criança de 6 anos é “parafusada” numa cadeira dura para estudar palavrório durante horas e horas”. (ALBANO, 1991, p. 80).

O problema da perda do modo de perceber o mundo e de representá-lo espontaneamente através dos desenhos é, portanto, um problema geral da falta de expressão dentro da escola. As vozes das crianças se calam e elas repetem os comandos dos adultos.

3.2.1 O professor e o desenho da criança

Na escola, precisamente na sala de aula, as crianças encontram carteiras enfileiradas, um lugar pequeno para o gesto concreto que o desenho da criança pequena pede. Pois o desenho agora diminui e fica escondido nas margens, nos rascunhos, até desaparecer, sumir por completo, sem deixar marcas, vestígios (ALBANO, 1991, p. 81).

Nos deparamos com mais um mecanismo de exclusão, que é a rígida definição de papéis na escola: o aluno cala, escuta, obedece e é julgado e o professor entende, sabe, ordena, e faz anotações e a pune, castiga a criança. Segundo Albano (1991) este professor que entende, decide e julga é o adulto que já perdeu a confiança na sua capacidade de desenhar.

Para mudar esse quadro uma saída é buscar o desenho que ficou perdido na infância, é um trabalho que exige coragem e humildade por parte do (a) professor (a). É fazer uma viagem em busca de seu próprio desígnio.

[...] Uma possível compreensão de como a aquisição da linguagem do desenho dentro do contexto escolar implica, justamente, pensar sobre os fatores que provocam impasses, resistências, dificuldades que podem se revelar quando estamos diante de

uma folha de papel em branco [...] e as respostas se encaminham em direção a possibilidades, recursos, metodologias e procedimentos para que, como educadores, possamos ativar comportamentos criativos com o intuito de dissolver tais congelamentos que comprometem e empobrecem o desenho com linguagem expressiva e, com o desenho, o próprio sujeito, no caso, a criança (DERDYK, 2014, p. 132).

Albano (2008) ressalta que quando os (as) professores (as) procuram uma palestra ou curso de arte, estão, em geral, buscando técnicas que os auxiliem no planejamento das atividades. Buscam novidades como se escola fosse um espaço de consumo e não de produção de conhecimento. O primeiro passo, portanto, é leva-lo ao reconhecimento da arte como linguagem, uma forma de representação e expressão que opera através de cores, formas, linhas e volume para criar imagens. Uma forma de comunicação que serve para dizer o que as palavras não dizem.

A autora relata que os adultos, numa aula de desenho, sempre dizem: “eu não sei desenhar”. Eles não acreditam mais na capacidade de se expressar, esperam que o professor dê um exemplo para copiar. Mas, depois de certo tempo observamos que aparecem os desenhos, quando foi capaz de fazer a descoberta do seu traço, a sua visão apareceu. Então, percebem que o desenho não estava perdido.

Os adultos que um dia foram crianças que sabiam fazer criações com sua pipa, riscar sua amarelinha, construir barcos de papel, hoje como professores (as) reproduzem na escola relações de poder da sociedade em que vivem. Sua relação com os alunos está permeada por relações de dominação. São dominados, dominam. Não fazem criações e, no entanto, não estimulam, não incentivam as crianças a criar. Não desenhavam, copiam e levam os alunos a cópia (ALBANO,1991).

O/A professor (a) pode pedir às crianças para colar pedaços de algodão para representar a lã de carneiros desenhados por eles. O resultado dessa atividade pode agradar ao professor, e as crianças podem ter recebido algum treino, que de alguma forma contribui para o desenvolvimento destas crianças. Mas, este tipo de atividade que o professor já traz pronta para a criança apenas colorir ou concluir é muito comum na Educação Infantil. Esses tipos de trabalhos não possibilitam que a criança desenvolva sua imaginação e use sua capacidade de criação. Ela apenas cumpre tarefas definidas pelo (a) professor (a) muitas vezes sem sentido para criança.

Para Albano (1991), se na relação com a criança o adulto é o que entende e julga, então o seu desenho é o correto e a criança só resta copiá-lo. Como em geral este adulto já perdeu seu próprio desenho, o desenho pedagógico se apresenta como um recurso, e para ela mera cópia.

Abre-se também uma cadeia de desenhos sem expressão, significados. Desenhos que não são nada, pois que a arte é sempre linguagem carregada de significado.

Lowenfeld (apud Gobbi 1999), ao estabelecer alguns pontos básicos para o desenvolvimento do desenho infantil e sobre como devem se comportar os adultos frente as crianças que desenharam, nos faz perceber o reconhecimento da influência do ambiente externo, ou seja, aquele que circunda a criança e no qual se encontra inserida.

Se certificarmos a criança o seu direito de falar a sua palavra, de traçar o seu desenho, temos que investir em primeiro lugar na educação do (a) educador (a). Por isso é tão importante a formação inicial e continuada de professores, só assim daremos a criança o seu direito livre, espontâneo de expressar a sua palavra, o seu desenho.

Para Albano (1991) é interessante que nos descubramos como adultos ainda capazes de fazer criações. Se continuarmos presos na nossa impossibilidade de seguirmos o nosso próprio desígnio, de falarmos a nossa própria palavra, ou seja, modo, tempo não serão jamais mudados e o desenho ficará para sempre perdido na infância.

“Recuperar o ser poético que é a criança só é possível quando os professores se percebem como pessoas ainda capazes de viver o estranhamento, que é o ser da poesia, quando o professor descobre nele mesmo o prazer da criação” (ALBANO, 1991, p. 127).

Gobbi (1999) propõe estudos sobre os desenhos infantis para gerar novas descobertas, ao trazer a fala das crianças para interpretar suas produções, auxiliando os adultos, num diálogo. A autora compreende os desenhos infantis como novos documentos a serem pesquisados e a partir dos quais podemos fazer outra leitura do mundo, que possibilitará uma nova descoberta da infância.

Albano (1991), afirma é na prática da educação que o educador se educa. Quer dizer, saber provindo da experiência, o professor não se educa antes para exercer depois a prática da educação. Se isso é verdade, a função de educar é particularmente relevante e exige um esforço, força de vontade, além de atenção e renovação de si próprio.

Desenhando com cores, com música ou com a palavra, a criança dentro do adulto de reencontra, ou seja, a criança e o professor se encontram desenhando com seu espaço lúdico. “Adulto e criança podem, no entanto, expressar seus desejos, vontades e conflitos, dificuldades, e assim reconquistarem no seu traço a sua palavra” (ALBANO, 1991, p. 127).

4 O DESENHO DAS CRIANÇAS: ANÁLISES E CONSIDERAÇÕES

Esta seção apresenta uma discussão dos desenhos infantis produzidos por crianças de três a seis anos de idades, a partir do referencial teórico abordado no texto.

A pesquisa de campo foi desenvolvida no Centro de Convivência Infantil (CCI) vinculado ao curso de pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Miracema. A pesquisa teve duração de dois meses, em dois dias da semana, e envolveu crianças de três anos e seis anos de idade.

O trabalho realizado com as crianças, com os desenhos infantis, compreende as ações do projeto de extensão: Vivências e experiências lúdico pedagógicas na UFT³ coordenado pela professora Dr^a Viviane Drummond. Essa experiência foi muito gratificante, pois além de possibilitar a coleta de dados para a pesquisa, permitiu a interação com as crianças durante suas descobertas, brincadeiras, produções e criações.

As crianças mostraram interesse pelos desenhos e manifestaram prontamente o desejo de trabalhar com papel, lápis de cor, tinta e outros materiais, mas algumas crianças não queriam desenhar, elas queriam brincar. Assim, foi necessário construir uma estratégia envolvendo brincadeiras e contação de histórias para depois propor a produção dos desenhos. Desse modo, nas oficinas com as crianças foram desenvolvidas atividades com o objetivo de incentivar as produções artísticas, como por exemplo: leituras e contação de histórias, roda de conversa, brincadeiras e outras atividades.

Assim, a partir dos encontros semanais com as crianças foi possível construir um pequeno acervo de desenhos elaborados por elas. Foram coletados mais de trinta desenhos, sendo que doze deles foram analisados nesta pesquisa. Apresentamos os desenhos das crianças e também a descrição realizada oralmente pela própria criança. Após a produção do desenho cada criança relatou o conteúdo da sua produção. Os relatos orais foram registrados pela pesquisadora.

Os desenhos produzidos pelas crianças foram analisados quanto a seu conteúdo e organizados em quatro categorias, tendo por referência o texto: “Os traços invisíveis nos desenhos das crianças”, de Gianfranco Staccioli (2014).

³ O objetivo do projeto é oferecer às crianças que frequentam o campus universitário (UFT/Miracema) acompanhada de seus responsáveis, estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação e pós-graduação ou filhos(as) de servidores(as), um espaço para vivenciar e desenvolver experiências de natureza lúdico-pedagógica, com jogos, brincadeiras, literatura e arte.

Assim, os desenhos foram organizados de seguinte modo: o desenho das crianças de diferentes idades; os temas abordados nos desenhos infantis; desenhos elaborados a partir de histórias; desenho e escrita de crianças em idade pré-escolar.

4.1 O desenho das crianças de diferentes idades

Esta seção apresenta os desenhos das crianças de diferentes idades e mostra a evolução das garatujas para desenhos mais elaborados, com traços que representam formas conhecidas.

Vygotsky (2018, p.106) nos diz que se deixarmos de lado o estágio das garatujas, dos traços e da representação de elementos disformes, isolados, e, iniciarmos da época que surge o desenho, no sentido próprio dessa palavra, veremos que a criança está no primeiro estágio ou no estágio de esquemas. Nesse momento, ela desenha, representa figuras esquemáticas do objeto, muito distantes da sua representação fidedigna.

Quando solicitei para as crianças desenharem, Maria⁴disse: “eu não sei desenhar”. A mim pareceu que ela não tinha interesse em fazer um desenho, então eu conversei com ela, buscando incentivá-la a pegar no lápis e desenhar. Assim, Maria fez um desenho. Perguntei a ela o que desenhou e ela me disse: “um pandeiro, um violão, calça da mamãe, parquinho, minha calça e a boneca”.

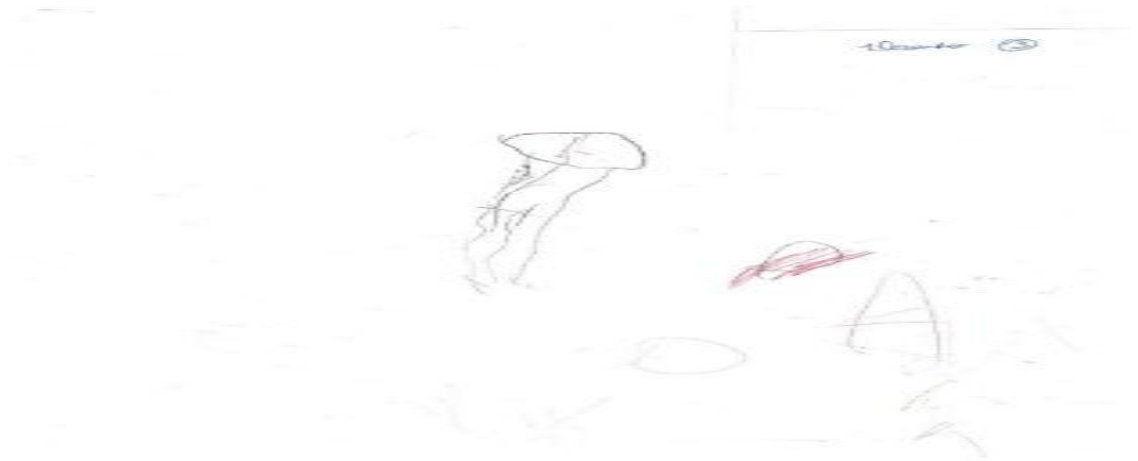
Figura 1 –Desenho Maria (3 anos)



Fonte: Arquivo da autora

Figura 2 –Desenho Junior (4 anos)

⁴Os nomes atribuídos às crianças são fictícios.



Fonte: Arquivo da autora

No desenho Junior usou lápis de escrever e lápis de cor. Ele disse que desenhou a mamãe e a letra u, mas olhando para o desenho é possível identificar a letra O e A (de vermelho). Como ele tem 4 anos, possivelmente já frequenta a pré-escola e deve estar iniciando o processo de alfabetização e letramento. O desenho maior representa uma forma humana, mas ainda pouca elaborada. Desenhos apresentados mais a frente mostram formas humanas mais elaboradas, como na figura 11 e 12 por exemplo.

De acordo com Vygotsky (2018, p. 106) “é comum representar a cabeça, as pernas, frequentemente os braços e o dorso. A representação da figura humana limita-se a isso. São os chamados cabeças-pernas, ou seja, seres esquemáticos desenhados pelas crianças no lugar da figura humana”.

Figura 3 –Desenho Valentina (5 anos)



Fonte: Arquivo da autora

O desenho elaborado pela Valentina apresenta “uma árvore, uma revista e uma pessoa”, conforme ela informou. Esse desenho já apresenta mais evolução que o desenho anterior. Ela não faz mais as garatujas, seus desenhos já têm formas e sentido. Ela desenhou uma árvore grande e na sombra da árvore está uma pessoa (com forma humana, a cabeça arredondada), lendo uma revista. Então a elaboração de Valentina traz um contexto, uma situação do cotidiano.

De acordo com Staccioli (2014):

O interesse que mostrarmos pelo invisível nos desenhos das crianças nos parece rico de perspectivas para pesquisa e estimulante no plano educativo. O invisível pode ser procurado, mas não pode ser encontrado. Se não, não é mais invisível. Isso implica que, quem se interessa pelo invisível, tem de acolher mais que avaliar, mais acompanhar que ensinar, mais que impor modelos. (STACCIOLI, 2014, p. 124).

O desenho da criança é uma produção singular, particular. Ela precisa de liberdade para desenhar e colorir seu desenho como achar melhor. Assim, não cabe ao professor (a) impor modelos prontos ou fazer julgamentos sobre as produções artísticas das crianças.

Figura 4 –Desenho Roberto (6 anos)



Fonte: Arquivo da autora

O desenho de Roberto é bem rico e inteligente, com formas elaboradas pintado com várias cores. Roberto desenhou uma casinha e um avião voando no céu azul. São elementos do

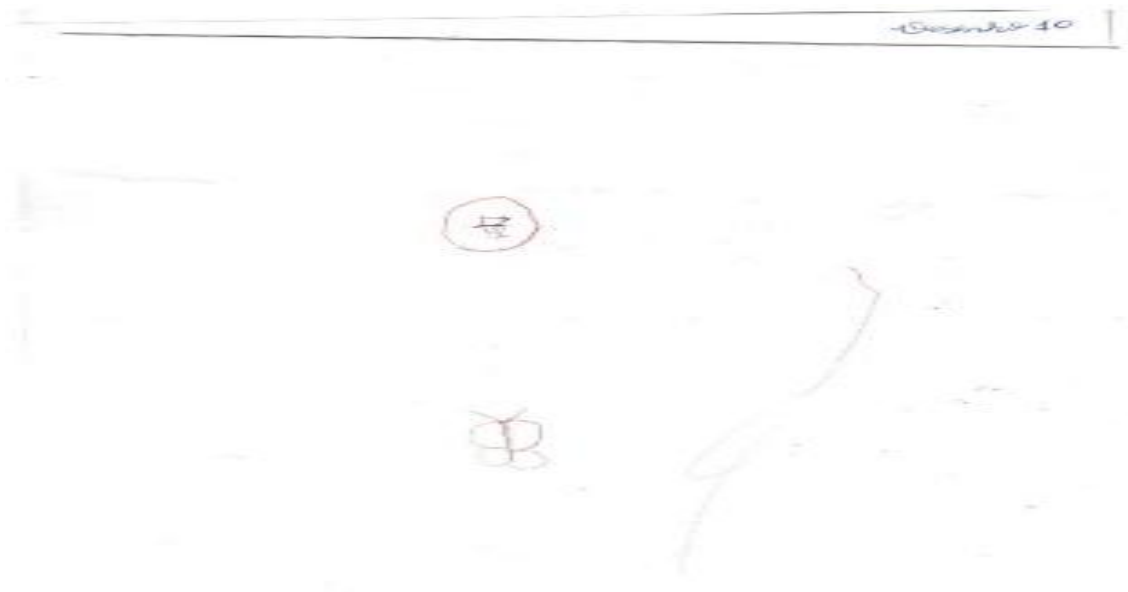
cotidiano da criança: casinha, avião, céu azul, que ele representa a sua maneira e usa lápis coloridos para dar vida as imagens que produziu.

Conforme ressalta Albano (1991, p. 24) “O que se pode perceber é que no ato de desenhar, pensamento e sentimento estão juntos”. Observa-se que Roberto desenha o que ele gosta e o modo como percebe a realidade a sua volta. O desenho está de acordo com a fase de desenvolvimento da criança.

4.2. Os temas abordados nos desenhos infantis

Esta seção traz 4 desenhos elaborados pelas crianças com lápis de cor. Estes desenhos foram produzidos a partir de uma roda de conversa, elas falaram sobre o que gostam de fazer no dia-a-dia, sobre suas brincadeiras preferidas, suas amizades e etc.. Vejamos os temas escolhidos pelas crianças para apresentar nas suas produções. Os desenhos foram produzidos livremente pelas crianças.

Figura 5 –Desenho Vinícius (5 anos)



Fonte: Arquivo da autora

Vinícius desenhou uma borboleta, um risco e um começo do Homem Aranha, segundo suas palavras. A borboleta é bem expressiva e fez um risco, que representa um movimento no papel. Possivelmente ele não conseguiu desenhar completamente o Homem Aranha, apenas fez um começo, uma tentativa de me disse: “o começo do Homem Aranha”.

Para Albano (1991, p. 26), “o desenho como possibilidade de brincar, o desenho como possibilidade de falar, marca o desenvolvimento da infância, porém em cada estágio, o desenho assume um caráter próprio”. Entendemos que o desenho é uma brincadeira, uma diversão para as crianças, mas ao mesmo tempo é criação e comunicação.

Figura 6 –Desenho Marcelo (4 anos)



Fonte: Arquivo da autora

Os temas abordados no desenho de Marcelo são: uma árvore e um foguete, pintado com lápis de cor. O desenho de Marcelo é colorido, ele usou várias cores. A árvore representa a natureza e o foguete é azul, com as cores amarelo e vermelho na base, que sugerem o fogo necessário para a decolagem de foguete, que vai voar, sair do chão e chegar aos ares.

De acordo com Vygotsky (2018, p. 120-121), “a ciência, assim como a arte, permite a aplicação da imaginação criadora. [...] Assim como no campo da criação artística, as crianças que tentam dominar os processos de criação científica e técnica também se apoiam na imaginação criadora”. Por isso, é tão importante o exercício da imaginação e criatividade na escola, quando a criança pode expressar seus pensamentos.

Figura 7–Desenho Marcelo (4 anos)



Fonte: Arquivo da autora

Nesta produção Marcelo disse que desenhou a casa e a entrada do quarto. O assunto escolhido por ele foi sua casa e a entrada do seu quarto. Ele usou lápis de cor para produzir linhas retas e circulares. O desenho não é muito colorido e representa um espaço conhecido por ele. É uma forma de representação da realidade.

Segundo Derdyk (2014)

O desenho, visto como linguagem criativa e poética, enfatiza a linha - elemento constitutivo e estruturante do desenho - como singularidade e acontecimento, cujo traço revela a digital e o tônus do sujeito que desenha - a criança - expressando tudo aquilo que nela, em particular, é único, através das variações de intensidade, espessura, ritmo, direção, velocidade... A linha traçada é a concretização material de uma ação movida pelo desejo, pela necessidade, pelo imaginário de um corpo, revelando a expressão plena dá uma subjetividade capturada pelas distintas intensidades do traço. (DERDYK, 2014, p. 134).

De acordo com o autor citado, o desenho visto como linguagem expressa a criatividade do sujeito, no caso, da criança. Ela expressa através de suas linhas a sua subjetividade, sua forma de perceber o mundo, sua poesia. Neste sentido, o desenho é sempre algo muito particular.

Figura 8 –Desenho Junior (4 anos)



Fonte: Arquivo da autora

Perguntei ao Junior: o que você desenhou? Ele respondeu: “foi um fantasma, um X de fantasma pra cortar, e uma prisão”. Diante de todos os desenhos analisados, o assunto deste desenho nos chamou a atenção. Junior desenhou um fantasma, que pode representar o invisível, o desconhecido, o medo para as crianças; uma prisão, alguém preso fechado com grades; o X para cortar: seria de um herói para libertar ou provocar dor?

No ato de analisar os desenhos das crianças Gobbi (1999, p. 141) considera que: “a leitura feita corre o risco de vir a desconsiderar certos fatores externos que podem estar influenciando os desenhos das crianças, ou mais ainda, revelando o que e como ela enxerga seu próprio universo”.

Neste sentido, as análises produzidas neste estudo são apenas exploratórias do conteúdo dos desenhos, relatados pelas próprias crianças. Uma análise mais substancial implicaria em conhecer mais sobre a criança e seu contexto social, o que não é o objetivo deste estudo.

4.3 Desenhos elaborados a partir de histórias

Nesta seção discutimos dois desenhos elaborados por duas crianças a partir de uma história. Inicialmente foi realizada a leitura do livro: “O livro de coleções de Charlie”, de Lauren Child (2012) com as crianças e depois conversamos sobre o conteúdo do livro.

Na história “O livro de coleções do Charlie”, Charlie fala que tem uma irmãzinha chamada Lola, ela é pequena e muito engraçada, ela tem muito interesse na coleção de

dinossauros do Charlie. Lola diz que quer uma coleção também e tem várias ideias: coleção de água, de biscoitos, de selos. O Charlie tem um estegonossauro. Lola abre a caixa de cereal e encontra um dragão assustador saído de dentro da caixa. Charlie completa sua coleção e diz que a cabeça dele é mesmo a melhor de todas.

Figura 9 –Desenho Caíque (4 anos)



Fonte: Arquivo da autora

As crianças mostraram muito interesse pelos dinossauros e principalmente pelo dragão. Caíque desenhou “um dragão cuspidor de fogo e mais um dragão de pescoço comprido”, como ele disse. O que chamou mais atenção de Caíque com relação a história foi o dragão. E, o dragão de Caíque cospe fogo e tem um pescoço bem comprido. Caíque pintou o dragão de verde e o fogo que sai da sua boca é preto. O dragão de pescoço comprido é representado por um risco comprido. E, para mostrar o fogo que sai da boca do dragão, ele usou a cor preta.

Figura 10–Desenho Marcelo (4 anos)



Fonte: Arquivo da autora

Perguntei ao Marcelo o que ele havia desenhado, ele disse: “o dragão, eu e meu coleguinha Caíque e também fogo, céu, cobra, um quadrado e a calçada”. Ele pintou o dragão de cor laranja, o dragão solta fogo pela boca, ele usou a cor preta para o fogo e pintou os braços do dragão de verde claro e vermelho. Do lado do dragão desenhou dois meninos, ele e seu coleguinha. Na parte de cima do papel pintou de azul, simbolizando o céu. Ele dividiu a folha de papel ao meio com um traço preto e disse que era uma cobra. Na parte de baixo da folha desenhou de preto o quadrado e a calçada e pintou de vermelho e azul.

Os dois meninos desenharam dragões. A ideia de um dragão que solta fogo pela boca chamou atenção deles mais do que os dinossauros da coleção do Charlie.

Muitos estudos sobre os desenhos infantis buscaram responder ao seguinte questionamento: “As crianças desenharam o que conhecem ou que vem”? (STACCIOLI, 2014, p. 110) deixa de lado esse problema clássico dos estudos sobre os desenhos e se ocupa mais dos vínculos que as crianças estabelecem para tornar compreensível a sua comunicação com as imagens. Para o autor, “a criança, dita de outro modo, é considerada competente, capaz de escolhas relativas à eficácia informativa do desenho que está produzindo”.

4.4 Desenho e escrita de crianças em idade pré-escolar

Os desenhos analisados nesta seção foram produzidos a partir de uma roda de conversa sobre as brincadeiras preferidas das crianças e o que elas gostam de fazer no dia a dia. Após o diálogo foram produzidos os desenhos retratando as brincadeiras e amizades.

Figura 11- Desenho Andressa (4 anos)



Fonte: Arquivo da autora

Neste desenho Andressa usou lápis de cor. Conversei com ela sobre o desenho, ela disse que desenhou a amiga Miriam e ela mesma. Também desenhou flores, janela, sol, coração, céu e um círculo com palavras e letras. Ela disse: “eu gosto dos meus amiguinhos, com muito amor e importa o jeitinho que elas são, dentro do coração, eu gosto dos amiguinhos”.

Andressa desenhou e escreveu vivências do dia a dia, coisas que ela gosta de fazer. Ela demonstra no desenho sua amizade e carinho por sua amiga Miriam, desenha vários corações. Elas estão brincando juntas e se divertindo muito. Ela diz também que gosta da natureza, desenhou o céu, flores, sol e janela.

Além de desenhos Andressa também escreveu, uma escrita com garatujas e desenhos de coração, na parte de cima do papel. Os corações representam o amor pela colega e como elas gostam de brincar juntas. No círculo escreveu seu nome e o nome da amiga. O desenho de Andressa demonstra uma fase de transição na forma de representar a realidade, do desenho para a escrita.

Figura 12–Desenho Fernanda (6 anos)



Fonte: Arquivo da autora

O desenho de Fernanda foi produzido com caneta, lápis de escrever, lápis de cor. Perguntei o que ela havia desenhado, ela respondeu: “um coração, eu Fernanda e a minha amiga Amélia, a lua, o sol, círculo com o nome, céu, outros corações e flores”.

Ela desenhou vários corações, um círculo com nome dela escrito a caneta. Ela desenhou outros corações por gostar de fazer flores, desenhou flores no jardim. Observamos nesse desenho garatujas e letras. Mostra que a criança está construindo a linguagem escrita, que utiliza juntamente com os desenhos.

De acordo com Emília Ferreiro (2000) as crianças chegam até a escola em processo de alfabetização, por que a educação vem da própria casa onde a criança vive, no dia -a- dia, vê os pais lendo um livro então ela pega os panfletos, bula de remédios, receitas de bolos e jornais.

[...]. Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar – se na escola, mas começam a alfabetizar- se muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Porém há outras crianças, [...], que necessitam da escola para apropriar – se da escrita. (FERREIRO, 2000, p. 23).

Foi possível perceber durante a pesquisa de campo que a maioria das crianças gostam de desenhar, embora algumas deixem de desenhar para brincar. Os desenhos das crianças revelam sua imaginação, criação e também situações das vivências do dia a dia. Nos desenhos das crianças de 4 a 6 anos aparecem letras e palavras, o que revela o início da alfabetização.

As crianças são naturalmente expressivas, elas gostam de desenhar. Através dos desenhos falam sobre o seu cotidiano, suas brincadeiras preferidas, as amizades com os colegas, do meio social que vivem, a casa, a família, elas gostam da natureza, dos animais. Elas são criativas nos desenhos que fazem, com suas imaginações, na utilização das cores, elas pintam e inventam criações espetaculares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou ressaltar a importância da arte para as crianças pequenas na Educação Infantil. As crianças são curiosas, criativas e gostam de desenhar. As instituições de Educação Infantil devem favorecer e incentivar as múltiplas linguagens infantis, pois as crianças são naturalmente comunicativas e expressivas.

O objetivo da pesquisa foi compreender a relação da criança com a arte e a importância do desenho na Educação Infantil. A interpretação do desenho das crianças foi objeto de investigação de vários pesquisadores. Os desenhos são produções da imaginação criativa com a arte. Assim, é preciso incentivar a criança a desenvolver sua capacidade de desenhar, incentivar o reconhecimento da arte como linguagem, forma de expressão, representação, com suas cores, linhas, no desenvolvimento da inteligência, descobertas, como instrumento de criação de cada criança.

A pesquisa de campo desenvolvida no Centro de Convivência infantil (CCI), vinculado ao Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins, Campus Miracema, trouxe experiências significativas para minha formação, um aprendizado sobre a importância da arte e ludicidade para o trabalho pedagógico com as crianças. Conhecimentos que vou levar para minha futura atuação como professora de crianças, na Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

Com a pesquisa foi possível perceber como as crianças são criativas, elas gostam de desenhar e de brincar, usam muita imaginação na produção de seus desenhos. Elas usam cores variadas, gostam de pintar e inventam criações espetaculares. Os desenhos das crianças revelam o que elas imaginam, criam e também as vivências do dia a dia. Elas falam sobre a família, as amizades com os coleguinhas, sobre a natureza, os animais e etc.. As produções das crianças, em idade pré-escolar, sinalizam o início do processo de alfabetização, com o registro de garatuja e letras ao lado dos desenhos na folha de papel.

O desenho é sempre comunicação, uma primeira forma de registro da percepção da criança sobre o mundo. O ensino da escrita não deveria privar a criança de desenvolver outras linguagens e formas de expressão. O aprimoramento da capacidade criativa, com técnicas e recursos mais elaborados, conhecimentos sobre estética, cultura e arte merecem receber mais atenção por parte da escola e dos (as) cursos de formação de professores (as). Neste sentido, cabe ao (a) professor (a) rever suas práticas e concepções sobre a relação entre a arte e a aprendizagem da criança. A arte, é tão fundamental nos cursos de formação de professores (as),

assim como as outras ciências humanas e sociais. Os conhecimentos e saberes da arte deveriam ter maior relevância na formação inicial e continuada de professores (as).

Na conclusão desse trabalho, espera-se que o estudo possa trazer contribuições para a educação das crianças pequenas, com o intuito de estimular práticas pedagógicas que valorize a cultura lúdica, artística e estética na Educação Infantil, de modo a desenvolver as múltiplas linguagens infantis, ou seja, “as cem linguagens da criança”.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. **Arte, infância e formação de professores**. 2007. Texto digitado.

ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1991.

ALBANO, Ana Angélica. Transformar a realidade. **Infância na Europa**, Portugal, v. 14, p. 23-24, 2008.

CARTA DEI DIRITI DEI BAMBINI ALL'ARTE E ALLA CULTURA. La Barraca, Testoni Ragazzi. Bologna: Edizioni Pendragon, 2011. p. 73.

CHILD, Lauren. **O livro de coleções do Charlie**. São Paulo: Ática, 2012.

DERDYK, Edith. Papel em branco. In: GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Infância e suas Linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014. p.127-136.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Apontamentos pedagógicos sobre o papel da arte na educação da pequena infância: como a pedagogia da educação infantil encontra-se com a arte? In: SMALL SIZE PAPER (Org.) **Experiencing art in early years-** learning and development processes and artistic language. Bologna: Edizioni Pendragon, 2009. p. 103-25.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOBBI, Marcia. Lápis vermelho é de mulherzinha. **Pro-Posições**, v. 10, n. 1 (28), p. 139-156, mar. 1999.

GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Infância e suas Linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

HOLM, Anna Marie. A energia criativa natural. **Pro-Posições**. v. 15, n. 1 (43), p. 83-95, jan./abr. 2004.

STACCIOLI, Gianfranco. Os traços invisíveis nos desenhos das crianças. In. GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Infância e suas Linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 95-126.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e Criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.